

75^o aniversário



O sócio nº 7 tem 84 anos e inscreveu-se nos Pimpões há 70

Américo Silva, de 84 anos, é o sócio nº 7 da Sociedade de Instrução e Recreio "Os Pimpões". Acompanhou de perto o nascimento da colectividade (fruto da vontade de jovens que queriam promover momentos de diversão e convívio naquela zona), assim como o seu crescimento e diversificação de actividades até aos dias de hoje. "Foram muito bons os momentos que passei nos Pimpões. Começava o baile e eu só saía de lá quando este acabava, e sempre a dançar", recorda o octagenário, que também participou activamente nas peças de teatro que ali foram dinamizadas.

Era Américo Silva ainda criança quando viu o armazém de pimenta que existia na Rua Narciso Barros (Bairro da Ponte) a escassos 300 metros da sua porta ser alugado por meia dúzia de rapazes para fazer uns "bailaricos". Estava criado o embrião do que viria a ser a Sociedade de Instrução e Recreio "Os Pimpões".

"A sala não teria mais de 40 metros quadrados", lembra Américo Silva que, com apenas nove anos, conheceu de perto o arranque da colectividade pois o seu pai foi um dos grandes entusiastas e, além de se cotizar, pediu aos seus colegas para também o fazerem, "ajudando assim os rapazes a manter a casa a funcionar".

O agora octagenário lembra que os Pimpões começaram por promover a vertente recreativa e cultural, com a realização de bailes e o início do teatro.

"Pagava-se 25 tostões de cota e havia baile todas as semanas", lembra, acrescentando que naquela altura (década de 40 do século passado) "não havia praticamente nada e acabava por ser a nossa forma de entretenimento, onde passávamos o tempo livre".

Américo Silva lembra com saudade João Arroja, que foi um "grande impulsionador" dos Pimpões, onde começou a fazer teatro num palco que teria 10 metros quadrados, com a participação dos jovens que viviam nas redondezas. "O João e a Isabel Arroja iam buscá-los e ensinavam-lhes as peças e tudo isso contribuiu para o desenvolvimento dos Pimpões", considera.

Também ele participou em algumas peças de teatro, sobretudo comédias, e recorda com saudade o "Exame do Meu Menino", celebrizada por Vasco Santana. Isto numa época, claro, em que ainda não havia televisão.

Para Américo Silva foi muito importante para as pessoas daquela zona da cidade a criação dos Pimpões pois possibilitou o convívio e relacionamento das pessoas e foi uma "lufada de ar fresco" para os jovens. "Ainda não se falava na formação de adultos e já a colectividade tinha uma escola, não oficial, para ensinar a ler e a escrever as pessoas que tinham dificuldades", recorda, destacando que foi benéfico para muita gente enquanto durou.

Uma das razões apresenta-

das por Américo Silva para a manutenção e crescimento da colectividade era o facto de ser sustentada por "puro" amadorismo. "A dada altura, propôs-se fazer bailes, mas a direcção não queria porque davam prejuízo. Decidimos então organizá-los mandando vir a orquestra de fora, tudo sob nossa responsabilidade, e depois ficávamos com a receita das entradas no baile", recorda, acrescentando que seis meses depois estavam sem dinheiro mas também sem dívidas.

UMA FAMÍLIA LIGADA À COLECTIVIDADE

Américo Silva entrou para sócio dos Pimpões a 1 de Junho de 1943, quando tinha 14 anos. "A minha mãe dava-me 5 escudos [2,5 cêntimos] de mesada. Desse valor, metade era para pagar a cota mensal porque eu queria ser sócio da colectividade", onde na altura frequentava os bailes e também participava no teatro. Depois, foi também lá que jogou pingue-pongue, damas e utilizava a biblioteca, bastante dinamizada por Manuel Garcia, "um colega do meu pai e a

grande alma da parte cultural dos Pimpões".

Anos mais tarde, já empregado, Américo Silva inscreveu o irmão, Henrique Rebelo da Silva (já falecido), também na colectividade. "Ele viria a ser muito mais activo do que eu no teatro, onde participou em diversas peças. Chegou a ir representar ao Teatro Pinheiro Chagas, havia uma certa competição entre os Pimpões e o Clube Cénico Caldense", lembra o octagenário.

Ainda jovem, Américo Silva começou por trabalhar nas Caldas como empregado de mercearia, mas depressa deixou o ofício porque o pai o obrigou a prosseguir os seus estudos, na Escola Comercial e Industrial, onde fez o curso comercial. Quando terminou, o director da escola altura, Leonel Sotto Mayor, perguntou-lhe se queria trabalhar e, perante uma resposta positiva, foi para escritório da tipografia Típica Caldense, onde se fazia na altura a *Gazeta das Caldas*.

Aos 20 anos concorre aos Caminhos de Ferro e é colocado nos escritórios em Lisboa. Américo Silva começa por fazer o percurso diário entre

Caldas e a capital de comboio e lembra que "naquela altura [início da década de 50] demorávamos menos tempo a fazer o caminho do que agora".

Depois mudou-se para a capital onde continuou o seu percurso profissional, mas manteve sempre a ligação à colectividade, onde o seu pai e irmão continuaram a participar. Durante parte desse tempo as cotas foram pagas pelo progenitor e "estiveram sempre em ordem", assegura.

Os filhos de Américo Silva não são associados da colectividade, mas uma das netas, de 10 anos, continua a tradição familiar, é sócia e pratica natação nos Pimpões.

Actualmente Américo Silva continua a residir na Amadora e, sempre que pode, vem à cidade termal e visita a colectividade que viu nascer e onde continua a ter amigos.

Fátima Ferreira
ferreira@gazetacaldas.com



Américo Silva fez-se sócio aos 14 anos e, apesar de residir na Amadora, continua com as cotas em dia



A construção da nova sede da colectividade, nos finais dos anos 70, que se mantém até aos nossos dias



A primeira sede dos Pimpões, na Rua Narciso Barros



CALDAS DA RAINHA
Câmara Municipal

*O Município das Caldas da Rainha
felicitas os Pimpões pelo seu aniversário!*

75^o anos



Pimpões
SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO E RECREIO

Memórias dos Pimpões: “Houve sempre uma forte amizade e solidariedade entre quem fazia parte da colectividade”

“Eu era muito novo quando a colectividade abriu portas”, disse-nos o caldense Alberto Gaspar. Conta que nasceu a poucos metros da primeira sede que ficava no Largo do Chafariz, dois anos antes dos Pimpões terem surgido.

A colectividade foi fundada por um grupo de seis jovens - João Fernando Arroja de Sousa, Joaquim Luís da Silva, Boaventura Henriques Vitoria, Agostinho Gabriel Alves, António João Rodrigues Campoto e Delfim Dias Nogueira, mas deste grupo, contou, houve dois homens que se destacaram: João Arroja e Delfim Nogueira.

“Eles é que elevaram os Pimpões”, recordou. O primeiro “foi um homem fundamental pois tinha noções de teatro e de recitação e ensaiava as peças do grupo de teatro da colectividade”. Foi ainda criada na colectividade uma biblioteca o que era importante nos anos 50 e que foi organizada por Manuel Garcia.

No espaço da primeira sede tudo era pequeno, lembra hoje Alberto Gaspar. Mas, apesar de ter medidas mais reduzidas que a sede actual, a primeira já dispunha de bar, biblioteca e de sala de jogos, onde as pessoas do bairro se juntavam para conviver.

Jogava-se damas, xadrez, domino, gamão e “sempre a feijões pois o dinheiro era algo raro”, recordou. Chega até a comparar o seu próprio desenvolvimento com o evoluir desta colectividade, fundada por aqueles jovens, com um primeiro objectivo relacionado com o lazer de quem morava naquela zona da cidade. Alberto Gaspar teria então 15 anos e recorda que “havia muita solidariedade entre todos e ali se criaram muito boas amizades”, lembrou.

Recorda que nos anos 40 e 50 se faziam conferências sobre vários temas, sem nunca ter existido nenhum problema com o regime. “Eram quase todos do regime logo não havia grandes perturbações”, lembrou o ex-direc-tor.

Nos aniversários da associação costumavam participar o presidente da Câmara, representantes da PSP, do R15 e às vezes mesmo o governador civil. Além das actividades de lazer e culturais que os Pimpões começavam por organizar, a colectividade desde cedo também estimulou a participação em manifestações de carácter popular. “Todos os anos fazíamos a Espera do Bom Verão”, contou Alberto Gaspar, lembrando que, no início Primavera, próximo da quinta-feira de Ascensão, se reuniam várias famílias com o respectivo farnel e iam conviver num pinhal próximo para se celebrar o regresso do bom tempo.

Corria o ano de 1957 e Alberto Gaspar recorda-se de uma impor-

O caldense Alberto Gaspar, hoje com 76 anos, chegou a ser presidente da colectividade e esteve ligado à sua direcção até 1988.

Nascido e crescido no Bairro da Ponte e acompanhou muito de perto o desenvolvimento desta associação recreativa. Destaca os laços de solidariedade e de amizade que uniam aqueles que pertenciam aos Pimpões, guiados pela sua mão, assistimos ao evoluir da própria colectividade.

O ex-dirigente recorda memórias relacionadas com as actividades culturais e sociais que são também momentos chave da própria história desta entidade que nasceu num dos bairros citadinos mais característicos e que hoje serve toda a região.

tante alteração de hábitos nos Pimpões por causa da chegada da televisão. A colectividade adquiriu um destes aparelhos, que eram na época bastante raros, passando as pessoas a juntar-se para assistir aos programas televisivos.

“A presença da televisão causou uma diminuição da actividade dos jogos. Não era então possível ter uma televisão nos lares pelo que as pessoas se juntavam na colectividade”, lembrou.

Houve ainda durante vários anos, a organização dos almoços solidários. Como exemplo desta solidariedade, nos anos 50, a colectividade oferecia uma vez no ano uma refeição a crianças desfavorecidas, vestindo-as dos pés à cabeça, recordou Alberto Gaspar. Esta ajuda social não terá chegado à década de 60 mas assim que começaram a ser obrigatórias as batas brancas nas escolas “era também a colectividade que as fornecia a quem mais precisava”.

Durante vários anos, a sede de colectividade foi também sala de aula para muitos. Os directores e alguns sócios que já tinham feito a instrução primária, dedicavam-se a ensinar a ler aqueles que nada sabiam. Foram algumas centenas as pessoas que aprenderam a ler, a escrever e contar nesta colectividade. E mesmo a maioria das crianças que, por norma, só podia frequentar até à quarta classe, nos anos seguintes “íamos lendo e desenvolvendo o gosto pela leitura com os livros da biblioteca dos Pimpões”, lembra.

FESTAS POPULARES COM O BAIRRO DA PONTE VEDADO

Muito famosos desde sempre foram os bailes dos Pimpões que decorriam com uma periodicidade mensal, numa época em que havia poucas alternativas na cidade. “Eram tão concorridos que tivemos que começar em pensar em mudar para umas instalações maiores”, lembrou.

Alberto Gaspar conta que se surpreende que nunca tenha acontecido nenhum incidente pois “a sala era pequena e o corredor de

acesso à rua era tão estreito...”.

Também recorda como eram grandiosas as festas dos Santos Populares, especialmente dedicada a Santo António que os Pimpões organizaram durante os anos 50 e 60. Eram da responsabilidade de uma comissão de festas - que Alberto Gaspar cre que ainda hoje existe (pois nunca foi extinta) - e que decorria ao ar livre no Bairro da Ponte.

Era tal a dimensão das festas que “chegámos a conseguir autorização da autarquia para vedar o Bairro para as realizar”, recorda. A rua junto à ponte era vedada e pagava-se cinco e dez tostões para poder entrar nesta feira popular que tinha orquestras a tocar ao vivo, panelinhas e faturas à venda, quermesse e tudo o mais que integra uma feira popular.

“Era também uma forma de angariar fundos”, disse Alberto Gaspar explicando que desde cedo se pensou

na para a aprendizagem da natação.

“Os homens à frente desse projecto foram Vítor Mota e Reinaldo Ângelo”, afirmou Alberto Gaspar, que também recorda que havia um projecto para uma sede grandiosa mas depois “tivemos que optar por algo mais simples que é a base da actual”.

O edifício foi-se construindo aos poucos, graças a muito voluntariado e muita energia de jovens e alguns elementos mais velhos que se contavam entre os directores e “juntos, desenvolvemos aquela colectividade até chegar ao que é hoje”. Com a abertura da nova sede, há também grande desenvolvimento das actividades culturais tendo o teatro como uma das principais actividades.

A colectividade desde cedo teve o seu próprio grupo e do seu repertório, recordando-se peças marcantes para os Pimpões e para a própria cidade. Entre estas conta-se a “A Ceia dos Cardeais” que foi uma peça que “tocou as pes-

soas”. Alberto Gaspar também fez parte do elenco, se bem que os actores principais fossem Manuel Eduardo, o Quinê e o Carlos Paniagua, que estiveram também no CCC e todos com a arte dramática a pautar-lhes o futuro profissional.

Houve outras peças marcantes como a “A Revista das Revistas”, já nos anos 80 sendo de recordar que “foi apresentada pelo menos duas vezes em Lisboa”. Esta teve entre 40 a 50 elementos no seu elenco e foi ensaiada por António Couto Viana, actor e encenador de nível nacional.

Houve para Alberto Gaspar dois nomes fundamentais na interpretação: Fernando Antão e Carlos Paniagua. Estas apresentações já foram feitas na nova sede, na sala que oferecia outro tipo de condições ao grupo teatro. “Houve vários elementos do teatro que seguiram profissionalmente. Era levado a sério e houve prémios nacionais a distinguir peças”, comentou Alberto Gaspar. Da vida da colectividade também fazem parte momentos mais difíceis tais como quando João Arroja, um dos motores da colectividade, saiu pois emigrou para os EUA.

REPRESENTAÇÃO DA PEÇA “CALDAS DIA A DIA” FOI PROIBIDA

Quando Alberto Gaspar se encontrava na direcção da casa no início dos anos 70, foi decidido apresentar na colectividade a peça “Caldas Dia a Dia”, encenada por Manuel Gil, do CCC. “Eu vi a peça representada nos Pavilhões do Parque por jovens do Conjunto Cénico Caldense e quis repeti-la nos Pimpões”.

A peça de teatro era uma crítica ao quotidiano caldense e Alberto Gaspar ainda não sabia o que o esperava. Foi chamado à Câmara pois as autoridades queriam impedir a representação. À sua espera estava o comandante da polícia Esperança e o Sr. Pires, o chefe da secretaria



O caldense Alberto Gaspar esteve ligado aos Pimpões, tendo integrado as suas direcções até ao final dos anos 80



O ex-dirigente recordou os almoços solidários que a colectividade realizava nos anos 50 onde se ajudavam as crianças carenciadas

da autarquia. “Eles sabiam bem quem eu era, pois o Esperança já me tinha identificado em reuniões políticas clandestinas”, recordou o ex-dirigente.

E o que queria então os representantes das autoridades locais? “Queriam que eu cancelasse a apresentação da peça no próprio dia da representação”, recordou. Alberto Gaspar disse que era impossível, que não podia avisar individualmente 800 sócios. Isto passou-se no início da década de 70, tendo as autoridades locais ido para a sede da colectividade, onde puseram elementos da polícia à porta e “não deixaram que a peça fosse representada”.

Tudo isto teve lugar muito próximo da Revolução e que acabou por

ser “um agitar de águas”.

Grças à sua longa experiência nos Pimpões, quando emigrou para a Alemanha, acabou por fundar uma outra colectividade. “Não me arrependo nada da minha experiência associativa”, contou o ex-dirigente.

De qualquer modo, para este dirigente o que mais se destaca dos Pimpões era o facto de, se um projecto “fosse viável, então avançava-se para a sua concretização”. Cre até mesmo que foi esse espírito em que as pessoas sentiam a colectividade como sua que a fez chegar ao seu 75º aniversário.

Natasha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com



Uma das muitas peças que foi representada na colectividade, onde Alberto Gaspar participou. O teatro era uma vertente mais importantes da instituição.

O Executivo da Junta de Freguesia das Caldas da Rainha - Santo Onofre, congratula-se pelos 75º Aniversário da Sociedade de Instrução e Recreio “Os Pimpões”.

Espectáculos dos Pimpões levaram nome da cidade a outras localidades



■ Nos anos 60 havia um boletim informativo da própria associação

“Tudo começou como uma brincadeira”, disse João Arroja filho, ciente do papel fulcral que o seu pai teve na criação dos Pimpões, colectividade que tinha como principal preocupação o lazer das pessoas que moravam no Bairro da Ponte e que eram na sua larga maioria trabalhadores e entre eles, muitos sem tempo para aprender a ler e escrever. E por isso entre os responsáveis do Pimpões logo surgiu quem se prontificasse a ensinar os outros lembrando-se que “na cave do palco decorriam as aulas da primária, havendo muita gente que saiu de lá para fazer o exame de reconversão”, disse.

Este trabalho de alfabetização foi algo “único” e foi graças aos Pimpões que muita gente do Bairro da Ponte tirou a instrução primária, como de outras partes da cidade pois depressa se espalhou que nos Pimpões “se poderia aprender e ficar com as habilitações”. Várias pessoas aprendiam as letras e os números “nos dias desencontrados dos ensaios das variedades e do teatro”, contou.

A vida na primeira sede da colectividade, recorda, “fervilhava pois havia jogos, matraquilhos ou ténis de mesa e ainda se constituiu uma importante biblioteca”.

Clara Pereira, refere não só a realização de várias peças de teatro como o facto do grupo da colectividade se deslocar a outras localidades. O seu pai, Alberto Saramago, dirigia sobretudo os espectáculos de variedades que chegava a incluir momentos de dança clássica e se declamava Fernando Pessoa e José Régio. O teatro era ensaiado sobretudo pelo pai de João Arroja.

“A colectividade representava a própria cidade e levava o seu nome a outras localidades”, contou o filho do mentor daquela área recordando que as peças dos Pimpões foram também representadas no Bombaral, em Rio Maior e durante alguns anos, a colectividade deslocou-se para apresentar teatro também na penitenciária de Alcoeire (onde actuaram em 1957 e em 1962), além de várias apresentações na capital.

“Nós nem pensávamos em ganhar dinheiro, nós queríamos era fazer, queríamos era realizar coisas e dar vida ali ao bairro, pois durante muito tempo foi a única colectividade onde se fazia teatro e se saía para apresentar espectáculos noutras terras. Era algo que já tinha peso a nível nacional”, afirmou João Arroja, que é também músico e por isso responsável por vários grupos musicais, muitos dos quais surgiram no seio da colectividade.

O Típico Caldense e os Cavaquinhos começaram e estiveram ligados à colectividade mas depois acabaram por se autonomizarem. Tal aconteceu também

João Arroja, 65 anos e Clara Saramago Pereira, 56 anos, são respectivamente filhos do fundador João Arroja e de Alberto Saramago, pessoas que tiveram um papel importante no desenvolvimento de actividades várias nos Pimpões. Ambos são professores reformados e responderam ao convite da Gazeta das Caldas para relembrar momentos importantes da vida desta colectividade que agora celebra o seu 75º aniversário.

A colectividade Pimpões foi fundada em 1938 por João Fernando Arroja de Sousa, Joaquim Luís da Silva, Boaventura Henriques Vitória, Agostinho Gabriel Alves, António João Rodrigues Campoto e Delfim Dias Nogueira. Para o nome, este grupo de jovens inspirou-se num jornal de Rafael Bordalo Pinheiro designado “Pimpão”.

com a Jocaço, que era um grupo de baile.

Durante vários anos, os Pimpões também receberam o festival da canção infantil e acolheram grandes nomes do panorama musical português como Pedro Barroso, Carlos do Carmo, Fausto, Mendes Harmónica Trio, Lenita Gentil, Cândida Flor, António Vitorino de Almeida, entre muitos outros.

Ao longo da sua história também houve projectos em parceria, como com a “Gazeta das Caldas”, quando os Pimpões assinalaram o aniversário de Zé Povinho, com uma exposição e colóquios. Em 2013 também se uniram para a realização de conferências tendo a primeira decorrido recentemente para debater com João Ferreira do Amaral a situação económica do país.

“UMA COLECTIVIDADE FAMILIAR E AGREGADORA”

Nas Caldas eram frequentes as apresentações no Teatro Pinheiro Chagas e também se faziam apresentações na Misericórdia e no Hospital. “Participava-se ainda nas festas do RI5 de despedida aos oficiais, sargentos, cabos e soldados que iam em missão de soberania”, contou Clara Pereira que trouxe informação sobre espectáculos da colectividade que decorriam nestas festas. Aconteceu com a despedida dos militares que seguiram para Angola e para a então Índia Portuguesa (1961). “Era uma forma de lhes dizer que estávamos à espera do seu regresso”, disse a sócia.

Para Clara Pereira, nas primeiras décadas da associação era “uma colectividade familiar, agregadora e que respeitava os seus sócios e preocupava-se com o bem-estar das pessoas”. Trouxe à conversa registos de vários eventos como, por exemplo, em 1948 a colectividade organizou bailes para as noites 25 e 31 de Dezembro desse ano, ainda na primeira sede se situava na Rua Narciso de Barros. Para que os sócios e a população pudessem celebrar aquelas datas colectivamente estes bailes eram animados “por excelentes orquestras” anunciavam os panfletos sobre aqueles eventos.

“Havia uma relação forte entre a colectividade e as pessoas daquele bairro. Os Pimpões era o local para elas que as enriquecia culturalmente e onde lhes era proporcionado lazer e cultura”, disse Clara Pereira.

Os dois entrevistados mencionam, com alguma mágoa, que direcções mais recentes dos Pimpões passaram a dar mais importância às actividades desportivas, colocando menos ênfase nas actividades culturais e sociais. A atitude levou até à saída e autonomização dos alguns grupos sobretudo relacionados com a música. Antes, lembram, que entrar na sede da colectividade era como “se fosse a nossa casa”, acrescentando que têm saudades desses tempos onde se destacava a amizade e a solidariedade entre todos. Com a nova sede “perde-



■ João Arroja e Clara Pereira recordaram momentos importantes ligados à colectividade



■ Os Cavaquinhos das Caldas estiveram ligados à colectividade durante vários anos



■ Uma imagem do grupo de sócios tirada durante as celebrações do Carnaval de 1946



■ O grupo de teatro dos Pimpões quando se deslocou à prisão de Alcoeire

ram-se algumas coisas que juntavam e faziam as pessoas conviver: o espírito da casa mudou”, disseram. Clara Pereira fez questão de referir que a actual direcção “tem tentado uma postura diferente de anteriores” e tem mostrado uma maior sensibilidade para com os sócios, tendo ha-

Natacha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com



Felicita os PIMPÕES pelos seus 75 anos

RESTAURANTE MARISQUEIRA

O MOINHO SALOIO

De: Manuel da Costa

Especialidades:
Mariscos Vivos; Peixe Fresco; Carnes Grelhadas

Brevemente Novas Instalações

CALDAS DA RAINHA



Clínica dos anjos medicina dentária

Medicos altamente especializados dispendo da mais avançada tecnologia, garantem aos pacientes um diagnóstico completo e o devido acompanhamento em todas as áreas da Medicina Dentária

Implantologia
Reabilitação Imediata sobre implantes
All-on-4
Cirurgia minimamente invasiva
Ortodontia
M. Dentária Estética
Branqueamentos
Cirurgia Oral
Prótese Fixa
Prótese removível
Periodontologia
Patologia Oral
Oclusão e ATM
M. Dentária Preventiva
Dentisteria Operatória
Endodontia Avançada
Odontogeriatría
Odontopediatria
Estética Botox
Ácido Hialurónico



Rua da Estação, Lj 6B
Caldas da Rainha
262845630
968669927
www.clinicadosanjos.pt



LOW COST

Qualidade a baixo custo para que a beleza não seja um luxo.

CABELEIREIRO E ESTÉTICA

- × Aconselhamento de imagem
- × Técnicas variadas de madeixas
- × Escova progressiva
- × Técnicas de volume
- × Maquilhagem
- × manicure
- × Pedicure
- × Massagem de relaxamento

Manicure + Verniz Gel €10,00

Corte Homem €6,00

Coloração + Corte + Brushing €20,00

Corte + Brushing €10,00

Rua Cardeal Alpedrinha N°31 Bairro dos Arneiros (ao lado da Frutaria TAVARES) Tel. 262 843 041 ou 913 594 827

“Uma colectividade com a dimensão dos Pimpões se fosse uma empresa”, diz a presidente Teresa Marques

A

empresária Teresa Marques, de 49 anos, é a primeira mulher que dirige os destinos dos Pimpões. Este é já o segundo mandato que lidera nesta colectividade que, em 2013, se encontra a completar o seu 75º aniversário, algo muito raro nos dias que correm. Actualmente os Pimpões têm mais de 13 mil sócios e emprega 26 pessoas, 14 das quais a tempo inteiro. Possui ainda 250 atletas federados nas modalidades de natação e de basquetebol.

Este ano, por causa do aniversário, praticamente todas as semanas há actividades a decorrer em paralelo à rotina da casa.

Ter sempre a associação em movimento é um dos lemas dos Pimpões que, devido à sua dimensão actual, “tem que ser gerida como se fosse uma empresa”, disse a presidente.

A completar o segundo mandato, esta direcção que vai candidatar-se a um terceiro, está também apostada em retomar algumas tradições. Estão de volta os bailes e as celebrações das festas populares que, além de voltar a proporcionar momentos de convívio, são também uma forma de angariar alguns fundos para as suas actividades.



“Esta direcção decidiu retomar as manifestações populares que fazíamos antigamente. Só não nos é possível contratar os grandes grupos musicais como antes. Para já começámos pela prata da casa”, comentou a presidente, ladeada por dois elementos da actual direcção



Actualmente, a colectividade possui mais de 13 mil sócios



Durante 2013, a colectividade vai estar a celebrar o seu 75º com várias iniciativas culturais que começaram logo em Janeiro

Gazeta das Caldas (GC): Como se gere uma colectividade com 75 anos, numa altura de grave crise económica? Quais são as maiores dificuldades que sente actualmente?

Teresa Marques (TM): Hoje em dia, nada é fácil de gerir e, nós, como temos um leque muito grande de actividades para oferecer aos seus associados - tendo em conta que quatro das modalidades são federadas o que implica gastos e actualmente não se conseguem grandes patrocínios - esta co-

lectividade gere-se como uma empresa.

Só não temos os lucros, no entanto, tudo o que é despesa é pago como se fossemos efectivamente uma firma como, por exemplo, o gás, a água, a energia eléctrica e não conseguimos recuperar IVA quase nenhum porque não somos uma empresa. Pagamos 23% de IVA no consumo que é necessário para a realização das modalidades, não cobramos IVA pois somos uma instituição de utilidade pública e não recuperamos

IVA o que torna as coisas muito difíceis, pois são custos muito elevados.

A nossa direcção acha que as instituições de utilidade pública deveriam ter uma taxa de IVA mais baixa. É um verdadeiro rombo nas nossas contas.

GC: Neste momento, os Pimpões têm 26 colaboradores, 14 dos quais que são funcionários a tempo inteiro. A instituição já se viu forçada a dispensar colaboradores devido à crise?

TM: Temos 14 funcionários a tempo inteiro mas ao longo do ano lectivo e por causa das actividades extra-curriculares temos um total de 26 pessoas a trabalhar connosco. Entre os responsáveis das modalidades há funcionários a tempo inteiro enquanto que outros são apenas nossos colaboradores. Temos duas funcionárias no bar, três na secretaria e quatro de limpeza. Sim, por agora são as pessoas suficientes.

Quando chegámos à direcção, algumas pessoas foram dispensadas como, por exemplo, uma da área da recepção de piscina. Também já contratámos mais um elemento para a área do atendimento.

É com dificuldade que mantemos a casa a trabalhar com tanta gente, mas na verdade, precisamos de todos.

Nos Pimpões trabalhamos entre as oito e as 22 horas e, para manter este horário, e para servir bem o nosso público precisamos de ter dois turnos de trabalho sempre. A colectividade funciona desta forma de segunda a sexta-feira e aos sábados, entre as nove e as 19h00. Em dias que não há espectáculos pois se houver actuações, então trabalha-se pela noite dentro.

RETOMAR AS MANIFESTAÇÕES POPULARES QUE A COLECTIVIDADE FAZIA ANTIGAMENTE

GC: Como é feito o planeamento de actividades - des-

portivas e culturais - e da utilização do próprio espaço? Ainda aluga para entidades externas ou hoje tem sobretudo programação da colectividade?

TM: Temos optado por programação própria no uso do nosso salão, no entanto, temos alguma procura de entidades externas. Estamos sempre receptivos a receber outros espectáculos e o que fazemos é uma divisão da bilheteira, que é a forma mais fácil. É sempre um pouco menos para a associação. Esta medida tem sido útil pois revela que a associação está em constante movimento e que estamos cá para ser úteis a todos.

Esta direcção - que está a completar o seu segundo mandato - tomou ainda a decisão de retomar a quase totalidade das manifestações populares que a colectividade fazia antigamente. Voltámos a realizar os bailes tradicionais de Carnaval e as festas ligadas aos santos populares. Ainda só não nos foi possível contratar grandes grupos para o baile pois não temos possibilidades económicas. Começámos até por animar as festas com pessoal da casa a fazer de DJ, trazendo os seus discos e a seguir pedimos a alguns grupos da região para vir colaborar connosco. A maioria tem atenção a quem somos e, por isso, tem vindo actuar aos nossos eventos.

O nosso salão - além de servir para os bailes e para uma grande parte das actividades de lazer e culturais que nós temos - é também o local de ensaio do teatro e das danças de salão. Tudo se faz na nossa sala multiusos. Sempre que há espectáculo é preciso alterar os horários das restantes actividades. Neste momento é também a direcção que vai gerindo a parte cultural.

GC: Actualmente a colectividade possui 13 mil sócios. Todos se cotizam ou a crise também já se faz sentir no pagamento das mensalidades? O

que é que a colectividade tem feito para ajudar os seus sócios em dificuldades?

TM: Creio que actualmente já ultrapassámos os 13 mil, estamos agora nos 13 113 sócios. Uma das coisas que nos tem afectado é, com a crise, começam a surgir atrasos nos pagamentos das mensalidades e há também falhas nos pagamentos das quotas, o que nos traz dificuldades na tesouraria.

Cada sócio paga 12 euros por ano. Sócios com mais de 65 anos e mais de 25 anos de casa pagam apenas 50 cêntimos. Se calhar temos que reajustar estes valores, tendo em conta as dificuldades actuais.

Sempre que sabemos de algum caso de sócios que estão a passar dificuldades financeiras, tentamos sempre colaborar e ajudar mas, de qualquer modo, para praticar as actividades têm que ser sócios. A direcção analisa caso a caso e decide como se deve actuar.

Também temos algumas parcerias como, por exemplo, com o Centro de Acolhimento da Santa Casa da Misericórdia e as suas crianças e jovens praticam várias das nossas actividades de forma graciosa. Neste caso são cerca de dez praticantes nas áreas da dança, karaté e basquetebol.

Esta direcção também pediu em 2012 a guarda dos seis primeiros números para os sócios fundadores e aqueles números não devem ser usados por mais ninguém.

GC: Qual é o orçamento anual da instituição? Conta com apoio da autarquia? E de entidades privadas?

TM: O nosso orçamento anual ronda os 600 mil euros e temos 460 mil euros em despesas, onde o maior peso são os custos associados à piscina. As restantes modalidades vão-se pagando a si próprias.

Sim, temos alguns. Da Câmara Municipal temos um subsídio anual, que no último ano foi de 10 mil euros e tem vindo a descer anualmente.

Varia consoante o número de atletas federados. Só que, no nosso caso, temos vindo a aumentar os atletas e o subsídio tem vindo a diminuir. Já esteve nos 13 mil euros.

Temos algumas empresas que nos apoiam como por exemplo a Tecnocroma, a A. Marques e a Cimai. Esta última é quem apoia a nossa equipa de natação. A equipa feminina de basquetebol é apoiada pela Frutóchocolate. A maioria contribui com serviços e com logística.

Em relação à massa salarial pagamos cerca de 18 mil euros por mês. Sete mil para a segurança social, três mil de energia eléctrica, dois mil de gás, 500 de água, ao passo que as Actividades Extra Curriculares são financiadas pelo Ministério da Educação. Acho que dificilmente as pessoas imaginam o que é manter uma casa destas a trabalhar.

GC: A piscina e a natação têm um peso muito forte na instituição. É esta a principal área desta colectividade? É ela que traz mais reconhecimento?

TM: Sim, a piscina, seja as actividades de lazer seja a de competição, é a parte que nos pesa mais. Traz-nos reconhecimento a natação de competição assim como as restantes modalidades que são federadas como o Basquetebol, onde temos duas equipas nos campeonatos nacionais e mais uma em vias de entrar. Nota-se um grande crescimento de várias actividades e já se fala nos Pimpões no Porto e no Algarve. É muito bom ver as nossas equipas a subir nas divisões.

GC: Os Pimpões sentem-se apoiados pelas entidades caldenses? Quem têm sido os seus parceiros estratégicos?

TM: Temos alguns apoios, mas são sempre mais logísticos do que monetários. Temos, por exemplo, uma parceria com a ACCCRO que nos apoia na impressão dos materiais gráficos como os cartazes dos espectáculos.

A. Marques
Grupo

FELICITA OS PIMPOES PELOS SEUS 75 ANOS!

262 841 005
CALDAS DA RAINHA

Pimpões tem que ser gerida como a Marques

Estamos ligados à ESE e vamos retomar esse protocolo em breve e enquanto os seus militares vêm cá nadar, a nossa equipa de natação faz uma semana de estágio de preparação física na Escola de Sargentos do Exército. Também já chegámos a usar um dos seus pavilhões.

A Escola Secundária Raul Proença também nos apoia com os treinos de basquetebol. As nossas equipas treinam no pavilhão da escola. Usamos também outros pavilhões, que são da Câmara Municipal.

“É SEMPRE BOM OUVIRMOS OS OUTROS”

GC: Para a tomada de decisões, a direcção da colectividade possui algum órgão consultivo?

TM: A maioria dos elementos da actual direcção veio para cá por sermos pais e mães de atletas. Também vínhamos aos bailes, brincar ao Carnaval e noutras épocas aos petiscos. Temos na actual direcção Delfim Nogueira, filho de um dos fundadores da casa. Dos sete elementos há também pessoas que moram no Bairro da Ponte.

Não, não temos nenhum órgão consultivo mas é algo que já falámos que gostaríamos de criar. Seria interessante para ajudar na tomada de decisões. A direcção vai gerindo os vários assuntos e, se houver algo mais grave a tratar, chamamos o presidente da assembleia para decidirmos em grupo. Já houve uma situação em que tivemos que chamar o presidente da assembleia e o anterior.

É sempre bom ouvirmos os outros. Quando temos necessidade chamamos quem achamos que nos pode ajudar.

Na direcção ninguém recebe nada. Além do tempo que aqui aplicamos e que é muito, cada um gasta o seu carro e o seu telemóvel para resolver o que é preciso em relação aos Pimpões.

GC: Em média, quantos sócios participam nas assembleias gerais? O associativismo está em crise?

TM: Em média nas assem-

bleias gerais contamos com cerca de 20 pessoas. Em assembleias que não são de eleições vêm pouco mais que os órgãos sociais. Em ano de eleições, chegam aos 30.

O que nós constatamos é que em alguns aspectos o associativismo está em crise mas, por outro lado, também vemos que noutras actividades, como aquelas que nós retomámos dos bailes e das festas populares, notamos que há algumas pessoas que querem participar conosco nesses eventos específicos.

Se falamos que precisamos de ser substituídos, estamos mal, pois as pessoas amedrontam-se. Há outro aspecto, entre os sócios e estão a usufruir de uma modalidade. Ao todo, das quotas somam 3500 euros por mês.

GC: Os Pimpões têm ligações com outros espaços congéneres? Se sim, quais? São proficuas essas relações?

TM: O Caldas Sport Club utiliza os nossos espaços para organizar noites de fados e os nossos atletas vão ao fisioterapeuta do clube e também usamos as carrinhas. Fazemos, por exemplo, rifas em conjunto. É um dos nossos principais parceiros.

A Banda Comércio e Indústria vem graciosamente e quando precisamos de fazer algum espectáculo, cá estamos.

No final do ano estabelecemos uma parceria com a Gazeta das Caldas, para a realização de conferências no nosso espaço.

Qualquer instituição que venha, tentamos apoiar.

O nosso auditório para ser aberto tem custos de manutenção e, por isso, tentamos a troca de serviços e assim vamos conseguindo. Outras vezes fazemos divisão de bilheteira.

Também recebemos as escolas, o Colégio e o Conservatório das Caldas utiliza o nosso auditório com alguma frequência. A Secundária Raul Proença e também a ETEO, vêm com regularidade para eventos de apresentação dos projectos dos seus alunos. Te-

mos também estudantes da ESAD que nos pedem apoio para os seus projectos.

GC: Na sua opinião, faria sentido uma coordenação e calendarização de actividades entre os diferentes espaços da cidade?

TM: Sim, faria todo o sentido pois não há necessidade de fins de semana com três, quatro e cinco eventos e outros em que não há nenhum. Se nos sentássemos à mesa e se soubéssemos conversar uns com os outros isto era muito fácil de gerir. Todos diziam o que pretendiam fazer, a sua calendarização, e o que fosse possível alterava-se, o que não dava, ficava.

TODAS AS MODALIDADES TÊM CRESCIDO

GC: Quais são as principais modalidades que se praticam nesta instituição? Quais são as que têm crescido e as que têm menos praticantes?

TM: Felizmente para nós todas as modalidades têm crescido. Houve anos em que algumas estiveram estagnadas. A única que está parada é o coro (pois o Coro autonomizou-se e denomina-se agora Grupo Coral das Caldas da Rainha), mas, neste momento, a actividade já está em franca reacção.

De ano para ano, as danças de salão e latinas aumentam com alguns novos praticantes. A natação também tem crescido. Há dois anos mantém-se a competição e nos captámos alguns atletas quando os Bombeiros deixaram de ter equipa de competição. O basquetebol quer na escola quer na competição também tem crescido, a Escola de Dança tem sempre uma ou duas turmas por ano. Iniciámos recentemente a patinagem artística.

Uma das nossas mais valias, neste momento, é que não cobramos IVA nas nossas modalidades. Em média a mensalidade das modalidades custam entre os 20 e os 22 euros.

GC: Como tem sido o relacionamento entre a associação e a Câmara Municipal?

TM: O relacionamento com a Câmara tem sido bom, com boas relações com os vereadores do Desporto e da Cultura e a utilização da piscina municipal está a decorrer para a nossa equipa de natação treinar. Temos uma boa relação e conseguimos conversar.

Gostaríamos era de poder contar com um apoio diferente pois temos equipas de competição de várias modalidades.

Somos uma associação bastante activa e interactiva, mantemos o desporto com competições e com bons resultados e várias actividades culturais a decorrer. Não há nenhuma associação com tantas despesas como nós.

Temos os directores a inventar festas para conseguir angariar fundos para as nossas actividades desportivas. Apesar de possuímos os mesmos custos que tem uma empresa, não podemos ter as mesmas receitas.

GC: Quais são os valores e os objectivos pelos quais se rege esta colectividade?

TM: Hoje esta colectividade pretende chegar e mantê-la mais voltada para os sócios e para a população em geral. Gostaríamos de ver as pessoas na colectividade com bazares, santos populares, teatro de revista, noites de fados, grupo coral ou banda. Quase todas as semanas há uma actividade nos Pimpões. Em 2012 foi assim e em 2013 ainda será mais pois fizemos uma programação que terá muitas actividades incluindo sessões de cinema e vários concertos. O que notamos é que as pessoas estão a querer vir actuar na nossa casa fazer os seus espectáculos. Temos mesmo muitos pedidos. Ofertas de revistas, de coros, de espectáculos musicais de vários tipos, só que entretanto já não temos calendário. As pessoas gostam de vir à nossa casa, o que é muito gratificante.

Temos que nos virar para a população, dar-lhes espectá-

Actividades nos Pimpões

AQUÁTICAS:

- Natação
- Hidrobike/Jump
- Hidroginástica
- Hidroterapia
- Hora Livre Competitivas
- Natação de Competição
- Basquetebol de Competição
- Patinagem Artística

FESTAS DE ANIVERSÁRIO

AULAS DE GRUPO

- Danças de Salão
- Danças Aerolatinas
- Dance Fusion
- Ginástica Sénior
- Chi Kung

AULAS DE GRUPO—CRIANÇAS

- Hip Hop
- Karaté/Judo
- Minibasket

CULTURAIS

- Coro
- Teatro Amador
- Pedestrianismo
- Massagens
- Escola Vocacional de Dança

OUTROS SERVIÇOS

- Bar (com almoços leves)
- Fotocópias (preto/branco e cores em A4 ou A3)
- Aluguer de Espaços (Auditório e Salas de formação)
- Transporte (das escolas para as nossas actividades)

culos que caibam em todas as bolsas e tentamos ajudar a colaborar com os artistas da região.

O público vem pedindo alguns eventos mas depois quando as coisas acontecem não vêm. Porque estava frio, porque não sabem e mesmo com a divulgação dos eventos, as pessoas não aderem.

GC: Quais são os projectos futuros da colectividade? Vão abrir novas áreas? Se sim, quais?

TM: A nossa sala multiusos ainda tem algumas lacunas. Precisava de ser climatizada e essa é para mim uma urgência. Infelizmente no ano passado em Maio tivemos uma grande inundação no salão que nos deu cabo de muito material.

Estamos a utilizar algum equipamento que nos foi cedido o uso pelas X-Eventos, ou seja, quando uma porta se fecha, abre-se outra e tem sido assim que temos vindo a conduzir as coisas aqui nos Pimpões.

GC: Os Pimpões são uma colectividade caldense ou do Bairro da Ponte?

TM: Apesar de ter nascido no Bairro da Ponte, creio que é cada vez mais uma entidade caldense. Temos atletas de todo o concelho e de toda a região que vêm, por exemplo, do Bombarral e de Peniche. As nossas actividades e modalidades servem todo o Oeste.

Natacha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com

JOSICALDAS
Materiais de Construção, Lda.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO
FERRAGENS - FERRAMENTAS - TUBOS - ACESSÓRIOS

262 880 542 | 936 538 681
Rua 15 de Agosto, 73-B e 75-A

Caldas da Rainha
josicaldas@sapo.pt

TALHO
Luís Matias 2, Lda.
Comércio de Carnes Verdes

262 843 440

Rua Manuel Mafra, 77 B | Caldas da Rainha

ÓPTICA DA RAINHA
Dr. Miguel Caixinha
Tel. 262 838 060

Rotunda dos Arneiros, n.º 1 Loja D | CALDAS DA RAINHA

VITAL3M
CLÍNICA DENTÁRIA, LDA.

Implantologia
Prótese
(fixa e removível)
Ortodontia
Dentisteria geral
Estética

Rua Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 32
2500-147 Tel. 262 838 683

www.vital3m.com *Marque já o seu Diagnóstico Gratuito

electrolider
ACESSÓRIOS ELECTRÓNICA

Felicita os PIMPÕES pelos seus 75 anos

Telef.: 262 835 657 | Fax 262 842 395 | lider@netvisao.pt
Rua Heróis da Grande Guerra, 29 | Caldas da Rainha

Ligação ao desporto é recente mas Os Pimpões são já uma referência distrital na natação e no basquetebol

A ligação da Sociedade de Instrução e Recreio “Os Pimpões” ao desporto é relativamente recente, mas é já uma história rica e suficiente para tornar as duas modalidades principais - a natação e o basquetebol - uma referência ao nível do distrito e com alguns feitos a nível nacional. A Natação de competição está a assinalar os 25 anos de existência no clube, tendo sofrido uma grande evolução ao nível dos resultados nas últimas épocas, somando já um total de 87 medalhas nas competições nacionais. Mais recente, a cumprir a 12.ª temporada oficial, o basquetebol está este ano a bater todos os seus registos, conseguindo pela primeira vez colocar três equipas nos nacionais, depois de percursos imaculados nos regionais. Nas duas modalidades juntas, o clube tem actualmente perto de 200 atletas em competição.

Natação dos Pimpões completa um quarto de século sempre em evolução

A natação surgiu nos Pimpões em 1987, com a inauguração da piscina nas instalações do clube. Embora a competição só tenha chegado um ano mais tarde, o próprio projecto da instalação da piscina teve em conta a vertente competitiva.

António Rodrigues, então um dos técnicos da equipa caldense Calimeros - que treinava na piscina da Lagoa Parreira - foi chamado a dar o seu parecer e terá tido responsabilidade na transformação do tanque inicialmente pensado para os Pimpões numa das três primeiras piscinas de 25 metros no distrito de Leiria.

Depois de um ano a preparar atletas, a natação de competição arrancou nos Pimpões oficialmente em Maio de 1988 com a primeira participação em prova, um torneio para não federados realizado no Areeiro, em Lisboa, até porque nessa altura não estava ainda constituída a Associação de Natações do Distrito de Leiria.

Deslocaram-se à capital 52 nadadores, rapazes e raparigas, com idades entre os 7 e os 13 anos. Os atletas caldenses deram logo muito boa conta de si, conseguindo nesse torneio oito apuramentos para as finais, contam as páginas da Gazeta das Caldas de 27 de Maio de 1988.

Em 1992/93 os Pimpões inauguraram o seu melhor clube nacional, por Joana Reis, que juntava nessa época dois títulos nacionais de infantis na mariposa e duas medalhas de bronze.

Sem margem para crescer em número de atletas, o clube tem mantido até à actualidade uma média de 60 atletas na competição, mas tem evoluído bastante em termos de resultados, sobretudo depois de inaugurada a piscina municipal, em 2003.

O que mudou, explica o actual Coordenador Técnico, Rodrigo Batista, foi tudo. Desde logo as condições mais favoráveis da piscina, em largura e profundidade, o que tem influência na evolução dos atletas. Permite também alargar o número de nadadores a trabalhar em simultâneo, podendo assim aumentar a base de recrutamento.

Apesar de já ter conseguido um conjunto significativo de resultados em termos distritais e regionais até aí, a partir dessa altura o clube quadruplicou o número de medalhas nos nacionais, surgindo também um maior número de atletas com resultados de monta. Até hoje os nadadores dos Pimpões conquistaram um total de 87 medalhas - sem contar com os masters -, das quais 24 correspondem a títulos nacionais. Vitoria Kaminskaya é que mais títulos conseguiu, 13 até à data, seguida de António Carriço com quatro, Francisco Freitas com três, Joana Reis com dois, Diogo Silva e João Vieira com um cada. Vinte e sete das medalhas são de prata e 36 de bronze.



■ A natação de competição dos Pimpões cumpre este ano o 25.º aniversário e está a obter os melhores resultados de sempre

pões conquistaram um total de 87 medalhas - sem contar com os masters -, das quais 24 correspondem a títulos nacionais. Vitoria Kaminskaya é que mais títulos conseguiu, 13 até à data, seguida de António Carriço com quatro, Francisco Freitas com três, Joana Reis com dois, Diogo Silva e João Vieira com um cada. Vinte e sete das medalhas são de prata e 36 de bronze.

Só nos últimos anos vários atletas integraram estágios das selecções nacionais, como Diogo Silva, João Mota, Ana Neves, Francisco Freitas e Afonso Santos, tendo ainda representado o clube no Dia Olímpico dos nadadores João Vieira e Joana Guimarães. Para além destes, Vitoria Kaminskaya já representou vários das cores nacionais em vários torneios internacionais.

Em termos colectivos o clube tem como melhor registo um quinto e um 11.º lugares na II Divisão Nacional, em femininos e masculinos respectivamente. A dificuldade neste campo é que quando os atletas chegam à idade de absolutos, por norma saem da cidade para estudar e não têm condições para manter-se no clube.

Rodrigo Batista destaca que se tem mesmo verificado que todos os atletas que passam pela natação de competição fazem um percurso académico com bons resultados, afastando o “mito” de que não é possível ser bom atleta e bom aluno.

O que também tem contribuído para a evolução é a crescente formação dos treinadores, através de protocolos com a Escola Superior de Desporto de Rio Maior que ali coloca estagiários desde 2009.

Na presente época Os Pimpões contam com 83 nadadores, acima

da média dos últimos anos, um lote de atletas homogêneo desde os escalões mais baixos que permite a Rodrigo Batista acreditar que o nível de qualidade se pode pelo menos manter nos próximos anos.

As principais dificuldades da secção são os mesmos de todos os clubes: a falta de liquidez financeira. Um problema que a crise não explica totalmente, porque nunca foi fácil angariar apoios, sublinha Francisco Ferreira, vice-presidente com a pasta do desporto, mas que naturalmente agrava.

Sobretudo porque se o problema até aqui era a ginástica necessária para ter meios de subsistência, agora estende-se aos pais, que têm cada vez menos recursos para proporcionar actividades, como esta, aos filhos e isso tem-se sentido na angariação de novos atletas.

Há também dificuldades ao nível do espaço. “Quando começamos nas piscinas municipais éramos só nós, hoje dividimos o espaço com dois outros clubes”, nota Rodrigo Batista, salientando, no entanto, o ambiente saudável que existe entre as colectividades que partilham o espaço.

Desde 2003 o clube fundou também uma equipa de masters (para atletas com mais de 25 anos). Um projecto que tem a particularidade de juntar alunos ex-atletas do clube a utentes da piscina e pais de atletas que gostam de levar a natação um pouco mais a sério, mas onde o espírito do convívio se eleva à competição pura. Mesmo assim neste escalão o clube juntou já 176 medalhas nas competições nacionais, 49 delas de ouro.

Joel Ribeiro
jribeiro@gazetacaldas.com

Torneio dos Pimpões promove a cidade

Os Pimpões organizam desde 2004 o Torneio Cidade Caldas da Rainha nas piscinas municipais, que para além da vertente desportiva tem como objectivo mostrar aos atletas que vêm de fora o que de bom se faz na região. O clube tem protocolos com várias entidades que fazem peças únicas que servem de prémios nos torneios, entre as quais se contam a ESAD, a fábrica de sabão, a Molde e a Promol.

O torneio, que terá este ano a 10.ª edição, ganhou rapidamente reputação, tendo passado pelas Caldas alguns dos melhores nadadores portugueses, como Nuno Laurentino, Carlos Almeida, Pedro Mendonça, Tiago Venâncio, que ainda hoje detém alguns dos recordes.

O clube gostaria de apostar ainda mais forte neste torneio, que traz cerca de 600 atletas à cidade durante pelo menos dois

dias, mas para isso precisa de um maior envolvimento do tecido empresarial.

É que um pouco por todo o lado começam a surgir torneios com prémios monetários que começam a desviar os principais nadadores, o que, a médio prazo, pode mesmo por em causa a realização desta iniciativa nos moldes que hoje tem.

J.R.

Basquetebol começou há 12 anos e está na melhor época de sempre

O basquetebol chegou aos Pimpões no início do novo milénio. O responsável pelo lançamento desta modalidade no clube foi António Dias, que já era seccionista desta modalidade no Sporting Clube das Caldas. O projecto começou 15 atletas em duas equipas, os Sub 14 masculinos e o minibasket.

“Para quem desconhece o minibasket também se divide em três grupos de idades, mas tinham que jogar todos misturados, porque não havia suficientes para fazer a divisão”, lembra Angélica Cruz, Secretária da direcção que trabalha com a modalidade desde o início.

Os dois clubes caldenses conviveram na modalidade durante alguns anos, mas os atletas foram passando progressivamente para os Pimpões, o que acabou por levar à extinção da modalidade no SCC.

A evolução rápida do basquetebol dos Pimpões depressa levou a completar todos os escalões, três no minibasket, mais seis no basquetebol - sub 14, 16 e 18 masculinos, sub 14, 16 e 19 femininos.

Na presente temporada os Pimpões têm um total de oito equipas, entre minibasket e basquetebol, movimentando cerca de 100 atletas.

Entretanto, a quantidade trouxe também qualidade e de há quatro épocas a esta parte notou-se um grande salto nas equipas em termos competitivos, com o pico a ser atingido precisamente na presente temporada, que vai ainda a meio.

Nos Sub 14 é o único clube do distrito com pleno de participações na primeira fase do novo modelo de Torneio Nacional, e também a única que garantiu acesso segunda fase do torneio, cotando-se como uma das 12 melhores do país.

Esta época o clube conseguiu juntar nos nacionais aos Sub 14 os sub 18 masculinos e os sub 19 femininos, todas com um desempenho 100% vitorioso nas fases regionais.

No minibasket foi primeiro



■ Foto da primeira equipa de basquetebol dos Pimpões (www.fotolog.com/pimpões-basket)

clube do distrito a ser reconhecido como Escola de Minibasket pela Federação Portuguesa de Basquetebol.

Um nível de excelência que torna o clube uma das principais referências no distrito. Na presente temporada os atletas dos Pimpões representam um quarto das selecções distritais, com um total de 11 atletas entre 44.

Na sua curta história o clube levou já quatro jogadores às selecções nacionais jovens. Mónica Cascão e Francisco Monteiro cumpriram estágios de observação. Tiago Bulhões chegou mesmo a cumprir um ano no extinto Centro de Alto Rendimento Paulo Pinto, em São João da Madeira, tendo representado a Selecção Nacional neste período. E Pedro Pessoa representou Portugal nos Campeonatos da Europa de Sub-20. É o único atleta que passou pelos Pimpões a actuar numa liga profissional, na Suíça. Nos seus quadros os Pimpões têm ainda João Ribeiro, de Peniche, que ainda no Stella Maris integrou o mesmo CAR.

O sucesso nas camadas jovens não faz ambicionar a secção do clube por uma equipa sénior, pelos meios a que isso obriga, explicou ao nosso jornal Susana Chust, dirigente da colectividade.

“Já tentámos ter uma equi-

pa sénior feminina mas é difícil porque atletas vão para outras cidades estudar. Masculinos é quase impossível porque envolve muito dinheiro que não temos, os valores das inscrições, é quase obrigatório ter estrangeiros...”, sustenta.

É por isso para a formação que o clube continuará virado nos próximos anos. “É uma modalidade que tem evoluído muito nos últimos anos no distrito, há mais equipas e maior competitividade o que também atrai mais atletas”, acrescentou.

O clube tem trabalhado para dar melhores condições aos seus atletas, que passaram de “saltar” de instalações em instalações - chegaram a treinar na ESE num campo sem marcações nem tabelas - para ter recentemente um pavilhão de uso exclusivo, na Escola Rafael Bordalo Pinheiro. Mesmo assim o espaço continua curto para o crescente número de atletas.

O objectivo para o futuro é “pelo menos manter o que temos, que os atletas continuem a surgir e a gostar de jogar basquetebol, ganhar é bom porque motiva, mas não é o fundamental”, regista Angélica Cruz.

Joel Ribeiro
jribeiro@gazetacaldas.com

Pimpões chegaram a ter o maior torneio de minibasket do país

Durante oito anos Os Pimpões organizaram, em conjunto com um hipermercado da cidade - e enquanto esse patrocínio se manteve - um torneio de minibasket no Dia da Criança que chegou a ser o maior do país.

Em média os torneios juntavam entre 600 a 800 mini-atletas de norte a sul do país, entre eles clubes de referência na modalidade, como Benfica, FC Porto, Queluz, entre muitos outros. No ano de maior dimensão, o torneio chegou mesmo a atingir

o milhar, o que obrigou a organização a ser deslocada do parque de estacionamento do supermercado para a Expoeste.

“Chegámos a ter jogos Benfica-FC Porto, e os outros campos ficavam desertos porque toda a gente queria era ver esses jogos, mesmo sendo de atletas mais pequenos”, recorda Angélica Cruz.

O torneio foi, contudo, perdendo algum fulgor porque as dificuldades financeiras dos clubes impede grandes deslocamentos, preferindo a viagem às Caldas por torneios mais pró-

ximos das suas localidades. A falta de patrocinadores também travou a própria organização.

Os Pimpões continuam a organizar torneios de convívio entre clubes, mas agora só da região, e há também os tradicionais torneios dos dias da Mãe e do Pai, em que os progenitores substituem os filhos no último período de jogo.

J.R.

Um dos primeiros medalhados dos Pimpões é hoje Coordenador Geral

André Fialho foi o primeiro atleta masculino a ser medalhado nos campeonatos nacionais em representação dos Pimpões na natação. Fez todo o seu percurso de vida no clube, depois de atleta passou a treinador e é hoje Coordenador Geral, tendo papel interveniente em todos os projectos do clube.

Curiosamente, o início de André Fialho na natação não foi dos mais promissores. A iniciação fez-se por curiosidade, através de uma promoção feita pelos Pimpões na escola. Tinha sete anos, em 1989, quando começou a dar as primeiras braçadas, o que hoje considera algo tardio para um atleta de competição.

E quando cerca de um ano mais tarde recebeu um convite para experimentar a natação de competição foi completamente surpreendido. "Nem chegava ao fim da piscina, chegava às bandeiras e voltava para trás, não ia para onde não tinha pé", confessa.

Foi com a condição de ir acompanhado pelo melhor amigo e, sem que até ali se tivesse aventurado a fazer uma piscina completa, que acabou por confirmar as aptidões que um técnico nele viu. Começou a tomar o gosto pelo treino e até ia para uma hora antes para estar ali a brincar um bocadinho.

Em 1995 tornou-se o primeiro atleta masculino dos Pimpões a subir a um pódio nacional, com o terceiro lugar nos 100 metros bruços de Infantes A. Mais uma surpresa, segundo contou à *Gazeta das Caldas*.

"Era um dos piores no escalão anterior e passei a ser dos melhores naquele escalão", salienta.

Ganhou várias provas nesse ano e chegou a ir a estágios da Seleção Nacional. Recebeu ainda os prémios de atleta revelação do clube e da ANDL. "São os prémios mais importantes que recebi porque nem todos conseguem, pareceu-me fácil na altura mas hoje, como treinador, sei que não foi", comentou.

Em 2000 começou a acumular a prática com o ensino da natação, o que também começou a fazer de forma inesperada. Foi o treinador Filipe Gomes que lhe perguntou num treino o que corrigia na técnica dos colegas. Começou a acompanhar um professor e quando uma professora saiu, ocupou o seu lugar.

"Não me via com perfil para ensinar, mas hoje é o que mais gosto de fazer", observa.

Chegou a ser treinador da equipa



André Fialho está nos Pimpões há 24 anos, começou como nadador e é actualmente Coordenador Geral

principal de competição, dividindo a coordenação técnica com Rodrigo Franca, o que deixou de fazer para assumir a coordenação da escola de natação, há três anos.

Este ano assumiu o posto de Coordenador Geral dos Pimpões, o que implica ter papel activo em todos os projectos. Destaca as festas de aniversário, que têm crescido exponencialmente nos últimos três anos. "Já fazíamos antes, mas apostámos com mais empenho nestas festas porque fazia falta na cidade um tipo de festa diferente do que era feito", conta. No primeiro ano em que assumiu esta função foram realizadas 29 festas, no segundo atingiram as 51 e a meio da terceira época já levam mais de 40.

Apesar do emprego lhe ocupar grande parte do dia, arranja sempre tempo para se manter em forma na piscina, o que considera essencial para se sentir bem. Voltou recentemente a competir pela equipa master dos Pimpões, tendo já garantido um título nacional e três medalhas de bronze no seu escalão.

Considera os Pimpões a primeira casa, até porque é ali que passa a maior parte do dia. "Estou aqui 24 horas se for preciso em benefício dos Pimpões, adoro o que faço e venho trabalhar sempre com vontade porque cresci aqui, nem me imagino a trabalhar noutro lugar", refere.

Uma dedicação que lhe valeu há um ano, justamente, o prémio de dedicação atribuído pela direcção do clube.

Joel Ribeiro

jribeiro@gazetacaldas.com

Gonçalo Chust, Helena Sábio e Francisco Monteiro têm 12 anos de basquetebol nos Pimpões

O basquetebol dos Pimpões começou há 12 anos com 15 atletas. Entre eles estavam Gonçalo Chust, Helena Sábio e Francisco Monteiro, na altura com apenas seis anos. Doze anos depois são os únicos daqueles 15 que se mantêm em actividade no clube, o que faz deles exemplos de dedicação. O momento mais alto, esperam todos, está ainda para vir, pois jogam actualmente as competições nacionais nos seus escalões.

"São dois terços da minha vida e isso cria uma relação diferente com o clube e com as pessoas, sinto que estes 12 anos me tornaram melhor cidadão e desportista, não é um simples clube, é uma família para mim", diz Gonçalo Chust sobre a sua relação com os Pimpões.

Helena Sábio acrescenta que por estarem há mais tempo no clube são como a voz da experiência dentro das suas equipas. "Ajudamos a receber os atletas que vêm de novo e tentamos ajudar a criar o espírito

de família que o Gonçalo falou", disse ao nosso jornal.

Francisco Monteiro, um dos quatro atletas dos Pimpões que chegaram às selecções nacionais, acredita que conseguiu deixar a sua marca no clube, como os restantes companheiros, "e os miúdos que entram vêem-nos como um exemplo porque não é fácil encontrar atletas com 12 anos de clube".

A terminar a sua ligação com o clube no final da época, o basquetebolista espera ter o momento mais alto da sua passagem no clube, depois da sua equipa ter já conseguido, pela primeira vez na história do clube, qualificar o seu escalão para a Fase Nacional.

"A nossa equipa foi a primeira a ser campeã distrital de sub 14 e a ir à II Fase do Torneio Nacional e este ano gostávamos de fazer o mesmo nos Sub 18", aponta Gonçalo Chust, o que seria a cereja no topo do bolo. Ambos seguirão para a universi-



Gonçalo Chust, Helena Sábio e Francisco Monteiro estão basquetebol dos Pimpões desde o início

sidade no próximo ano lectivo, em princípio em Lisboa, e esperam continuar a jogar, de preferência juntos, já que não será possível fazê-lo nos Pimpões.

Gonçalo Chust, no entanto, tem feito um percurso na arbitragem e espera, por isso, continuar pelo menos dessa forma a acompanhar os jogos e a evolução do clube.

Para Helena Sábio, o melhor momento foi também ter conseguido, pela primeira vez, que a equipa de Sub 19 feminina vencesse o distrital,

com um percurso só de vitórias.

Helena tem ainda mais um ano de clube pela frente. Depois seguirá também para a universidade e isso poderá obrigá-la a parar de jogar oficialmente. "Mas deixar de jogar não vou, nem que seja por diversão, porque para mim o basquetebol já não é um desporto, faz parte da minha vida".

Joel Ribeiro

jribeiro@gazetacaldas.com



SEMPRE
UM MELHOR
CAMINHO

NOVA GERAÇÃO AURIS O MEU ESPAÇO É O MEU MUNDO



Num mundo em que tudo me parece igual, há um espaço onde posso ser eu mesmo. Foi por isso que escolhi a Nova Geração Auris.

Sistema Touch & Go · Teto panorâmico · Sistema Smart Entry & Start · Câmara traseira
Estacionamento assistido "Park Assist" · Pack Sport · Tecnologia híbrida

Oferta de lançamento: Pack Sport (Jantes de Liga Leve 17", vidros escurecidos, acabamentos desportivos) no Auris 1.4 D-4D versão Comfort.

Consumo combinado (l/100Km): Mín. 3,8/Máx. 6,1 · Emissões de CO₂ (g/Km): Mín. 87/Máx. 140

*Preço apresentado para Auris 1.33 VVT-i HB Active. Não inclui despesas de legalização, transporte, ecovalor e pintura metalizada. Inclui a oferta do Contrato de Manutenção Programada. Para usufruir da oferta, as manutenções têm que ser realizadas na Rede Oficial Toyota em Portugal, nos intervalos previstos no plano de manutenção, que consta no livro de Serviço e Garantia da viatura. Os equipamentos disponíveis na gama da Nova Geração Auris variam de acordo com a versão.

Caetano Auto (Caldas da Rainha)

Av. Infante D. Henrique, 109
Tel.: 262 955 030
geral-centrolitoral@caetanoauto.pt



5 anos ou 160.000 km (ver condições de garantia)
+ oferta de 1 ano de assistência em viagem

Desde €18.365*

OFERTA

Contrato de
manutenção
programada

3 ANOS
OU 45.000 KM



André Fialho no pódio dos nacionais de Infantes A, em 1995

Escola Vocacional de Dança aliou-se aos Pimpões em 2002



A Escola Vocacional de Dança das Caldas tem vindo a aumentar o número de alunos

A Escola Vocacional de Dança das Caldas da Rainha (EVD-CR) encontra-se a funcionar nos Pimpões desde 2002. A escola viu o seu projecto reconhecido no ano letivo 2002/2003 pelo Ministério da Educação.

Na cidade, o ensino da dança teve lugar antes na Casa da Cultura, local por onde também passaram muitos dos directores dos Pimpões. Pelo que havia o desejo de que a dança fosse uma actividade residente na colectividade.

Tudo isto nasceu a partir do projecto do Atelier da Dança, coordenado por Vanda Aguiar - que hoje é directora geral da EVD-CR. Uma década depois de se ter iniciado, o projecto caldense uniu-se aos Pimpões para criar uma escola que se dedica ao ensino artístico especializado da dança, proporci-

nando à comunidade o ensino livre em associação com os cursos vocacionais.

Por causa da "Reforma do Ensino Artístico em Portugal", a EVD-CR começa a leccionar no 2º Ciclo apenas em 2009, tendo trabalhado anteriormente apenas nas Iniciações (1º Ciclo) e com Cursos Livres.

Esta escola tem organizado também o Encontro Regional de Dança, o Caldas em Dança e realizado os espectáculos de encerramento de ano lectivo.

No seio da escola foi ainda criado, em 2005, o Grupo Experimental de Dança (GED) que "nasceu da vontade de querer desenvolver projectos coreográficos à parte dos espectáculos de encerramento do ano lectivo", disse Isabel Barreto, docente e directora pedagógica da escola.

Este grupo começou com 10 elementos e desde então, além de colaborar em projectos de formação, tem trabalhado com coreógrafos conceituados, como Alfonso Caeytano, Clara Leão, Catarina Moreira, Bruno Cochat e Daniel Cardoso (director artístico do Quórum Ballet).

Este ano, o GED trabalhou com Rui Lopes Graça, que é coreógrafo residente da Companhia Nacional de Bailado. O grupo estreou em Outubro no Dia Mundial de Dança com o novo espectáculo "Composição". Trata-se de um programa do qual constam projectos de alunos, desenvolvidos nas aulas de Dança Criativa, Expressão Criativa e Composição Coreográfica.

A EVD-CR mantém apenas um protocolo de colaboração



O grupo GED surgiu em 2005 com 10 elementos e integra os alunos mais avançados da escola caldense

com o Colégio Rainha D. Leonor, "não sendo propício estabelecer mais protocolos num futuro próximo devido à instabilidade financeira do país", disse a responsável.

A frequentar o ensino articulado estão 50 alunos e, segundo esta responsável, "há cada vez mais vontade em ter uma educação o mais completa, passando pela dança". Isto é, há crianças e jovens a frequentar este tipo de ensino sem que queiram depois seguir a dança a nível profissional.

"Os participantes são normalmente estudantes que figuram do quadro de honra da sua escola e que são atentos e concentrados, logo o trabalho no ensino regular aparece facilitado", disse a docente.

A escola possui quatro professoras com vínculo e igual

número em regime de colaboração, além de duas funcionárias administrativas e uma de limpeza, esta última a meio tempo.

A escola caldense mantém uma colaboração com a Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa, no âmbito do GED e da colaboração conjunta no sentido de fomentar a entrada de alunos finalistas da ESD no mercado de trabalho.

A EVD-CR mantém uma colaboração com o CCC onde lecciona aulas e apresenta espectáculos.

Os cursos livres incluem várias disciplinas de dança, das áreas clássica e criativa e recebem alunos a partir dos três anos. Estes últimos fazem uma abordagem lúdica à dança e há propostas para alunas mais

maduras (onde não há limite de idade) para praticar, por exemplo, Ballet de Manutenção.

As mensalidades na EVD-CR rondam em média os 38 euros e, no total, "temos cerca de 260 alunos", explicou a directora pedagógica, sem esquecer que em determinadas faixas etárias, há alunas que frequentam mais do que uma modalidade de dança. "Cerca de 10% dos alunos duplicam e alguns até triplicam as actividades", disse Isabel Barreto.

Segundo a directora pedagógica há a intenção de manter o funcionamento da escola tal como tem sido possível até aqui. "Conseguir manter era já muito bom", rematou a responsável.

Natasha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com



**COMPRAMOS
OURO
PRATA
JÓIAS**

**Peniche, Nazaré, Alverca
Caldas da Rainha, Mafra
Bombarral, Rio Maior
Torres Vedras, Benedita**

Tel. 961 527 111

implant smile

Dr. Ivo Nunes Centro Implantiológico e Ortodóntico



Implantes e Prótese Fixa

15% Desconto
(sobre n/ tabela particular)

CHEQUES DENTISTA

*Crianças e Jovens
*Grávidas
*Idosos

Um Dentista sempre disponível!

Procure-nos também no:
Centro Médico do Parque

Facilidades de Pagamento e S/ Juros!

Largo Conde Fontalva, nº5 - 1ºDto
2500-100 Caldas da Rainha
(Junto à Rotunda da Rainha)

Telf: 262 845 712 | Telem: 931 453 918

R. General Queirós, nº 40 - 1º ABC
2500-211 Caldas da Rainha
(Subida para o Mercado da Fruta)

Telf: 262 838 554 | Telf: 262 840 290